

## INFÂNCIA DESNUDA:

### TRAJETÓRIA RESISTENTE EM *BELÉM DO GRÃO PARÁ*

Ivone dos Santos Veloso<sup>1</sup> (UFPA)

No romance *Belém do Grão-Pará* (1960), de Dalcídio Jurandir, é observável as ruínas deixadas pela decadência de um ciclo econômico que anunciava o progresso na Amazônia. Nessa perspectiva, podemos pensar que os personagens infantis surgem nessa narrativa como figuras metonímicas do desnudamento que apontam para a condição de exceção em vivem/resistem os que estão à margem de qualquer privilégio no contexto amazônico pós-Belle époque. Para conformar esse olhar sobre a obra dalcidiana, tomo como chaves de leitura as ideias de Giorgio Agamben sobre Infância e Vida Nua, bem como as considerações sobre resistência de Alfredo Bosi.

**Palavras-chave:** Infância. Vida nua. Resistência

#### I PALAVRAS À GUIA DE UM PRÍNCIPIO

Gostaria de iniciar estas breves reflexões com a leitura de dois trechos que evocam o cerne de nossa discussão:

**Fragmento 1-** o tripulante voltou à “Deus te Guarde”, num átimo trouxe a encomenda da senhora: uma menina de nove anos, amarela, descalça, a cabeça rapada. o dedo na boca, metida num camião de alfacinha. A senhora recuou um pouco, o leque aos lábios, examinando-a:

\_ Mas isto?

E olhava para a menina e para o canoeiro, o leque impaciente:

\_ Mas eu lhe disse que arranjasse uma maiorzinha pra serviços pesados. Isto aí...

O canoeiro respondia baixo e se enchendo de respeitosas explicações, fazendo valer a mercadoria. A menina, de vez em vez, fitava a senhora com estupor e abandono. E deu com Alfredo, que a contemplava. Olhou para ele com o mesmo estupor, mas tão demoradamente, como uma cega, que o menino virou o rosto. Andreza teria igual sorte? Para Andreza, a cidade seria isso também?

\_ Bem. Vamos ver, o compadre me leve ela. Não posso levar comigo como está. E como é o teu nome? O teu nome, sim. É muda? Surda-muda? Não te batizaram? és pagoa? Eh parece malcriada, parece que precisa de uma correção. Fala tapuru, bicho do mato. Ai, esta consumição... ( JURANDIR: 2004, p.84)

<sup>1</sup> Ivone VELOSO. Universidade Federal do Pará (UFPA)  
E-mail: [ivonevel@ufpa.br](mailto:ivonevel@ufpa.br)

**Fragmento 2-** Libânia, pés de tijolos, a saia de estopa, apressada e ofegante, era uma serva de quinze anos, trazida muito menina ainda, do sítio, pelo pai, para as mãos das Alcântaras. Entrava da rua com os braços cruzados, carregando uma carga de lenhas e os embrulhos, sobre os rasgões da blusa velha (JURANDIR:2004, p.51-52)

Esses fragmentos fazem parte da romance *Belém do Grão Pará*, narrativa do escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909-1979), publicado em 1960 pela Livraria Martins editora. Dalcídio Jurandir recebeu notoriedade como romancista em 1941, quando, após ganhar o prêmio do concurso organizado pelo jornal literário Dom Casmurro e pela Editora Vecchi, teve publicado *Chove nos Campos de Cachoeira*.

A essa narrativa seguiram-se os romances *Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira Manhã* (1968), *Ponte do Galo* (1971), *Os Habitantes* (1976), *Chão dos Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978), que constituem o Ciclo Extremo Norte, projeto literário do autor em representar a “aristocracia de pé no chão”, como este informa em entrevista à jornalista e também escritora Eneida de Moraes. Afora as narrativas do Ciclo, o ficcionista marajoara também escreveu *Linha do Parque* (1959), um romance produzido sob encomenda pelo partido comunista. Atuou, ainda, no jornalismo como repórter, articulista, cronista e crítico de arte.

A respeito da sua produção jornalística, Marli Furtado, uma das principais pesquisadoras da obra dalcidiana, afirma que

sua atuação esquerdista, assumida no ano de 1935, quando participou ativamente do movimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL) na luta contra o fascismo, rendeu-lhe cinco meses de prisão, dois em 1935 e três em 1937, e determinou-lhe a linha de seu jornalismo, exercido majoritariamente conforme interesse partidário (foi membro do partido comunista). (FURTADO,2010. p.11)

No ciclo do Extremo Norte, por sua vez, seus posicionamentos político-ideológicos não são determinantes, o que não significa que uma minuciosa análise das relações sociais seja tecida nas dez narrativas em que o escritor marajoara representa uma Amazônia imersa nas ruínas deixadas pela decadência de um projeto civilizador, resultante do enriquecimento advindo do Ciclo Econômico da Borracha, conhecido como *Belle Époque*.

Como parte integrante da encíclica romanesca dalcidiana, *Belém do Grão Pará* dá continuidade à história do menino Alfredo<sup>2</sup>, agora com cerca de 12 anos. O tempo da narrativa se desenrola nos anos 1920 e conta da chegada de Alfredo à cidade de Belém, para onde vem com o fim de estudar, juntando-se a menina Libânia, e, mais tarde, ao moleque Antonio, todos agregados da Família Alcântara (Virgílio, D. Inácia e Emilinha) que durante a época do Governo Antônio Lemos vivia os privilégios da elite endinheirada pela exportação da Borracha, mas que com o fim do Lemismo muda-se para uma casa mais modesta, numa demonstração da mudança de status social daquela família.

Para Furtado, afiançada nas ideias de Antonio Candido em *Personagem de ficção*, a técnica utilizada na narrativa a aproxima do romance histórico vez que

consiste em pôr em primeiro plano um personagem fictício ou semifictício (os Alcântaras e Alfredo), que serve de pretexto para traçar em plano mais distante as personagens históricas (como o Senador Lemos) e a reconstituição do momento em que se passa narrativa, e ao qual se prendem solidamente os acontecimentos, históricos ou fictícios.[...] Dalcídio traz à tona os áureos tempos da borracha e do Lemismo em Belém, em contraste com a pobreza daquele momento do Laurismo, através do enfoque da derrocada final da fictícia família Alcântara e da perda das ilusões do fictício menino Alfredo[...] (FURTADO, 2010. p.91)

É nessa conjuntura e no interior desse núcleo narrativo que se inserem os trechos que, anteriormente, expusemos e que apresentam a existência ou melhor resistência de uma infância nesse contexto político econômico pós *belle époque*.

## 1 A INFÂNCIA DESNUDA

No primeiro fragmento, o episódio com a menina de nove anos faz alusão a uma cena muito comum ainda no contexto amazônico, a prática de levar as crianças, especialmente as interioranas, para a cidade a fim de que sirvam a casa alheia com trabalhos domésticos. O mito da infância feliz se desfaz e no lugar de uma aura angelical, de faces rosadas, temos uma menina “amarela, descalça, cabeça rapada”. Essa descrição dá conta do que estou chamando aqui de desnudamento da infância, isto é da

---

<sup>2</sup> Das dez narrativas do ciclo dalcidiano, nove contam a história de Alfredo, indo da meninice a vida adulta. *Marajó* é o único romance em que essa personagem não aparece.

representação de uma criança que está despida da sua puerilidade, e, sobretudo, da sua humanidade.

A imagem da menina descalça e de cabeça rapada apontam para o seu rebaixamento, não lhe faltam apenas sandálias ou sapatos, que lhe dão a condição de descalça (recordo aqui que o termo retoma a ideia de “aristocracia de pé no chão” expressão utilizada por Dalcídio Jurandir para se referir ao seu projeto literário cuja a proposta está em criar um tempo e um espaço literário para que as figuras subalternas tivessem vez e em muitas ocasiões também voz ), mas, talvez seja a imagem da cabeça rapada que mais evoca o despojamento da condição humana nessa personagem infantil.

A menina fora trazida com a cabeça rapada certamente para demonstrar que ela já tinha sido higienizada, uma vez que, se não tinha cabelos, não tinha piolhos.

E nesse aspecto pode-se observar a desumanização da menina, que vai perdendo seu status de ser humano, e tornando – se simplesmente um objeto, uma encomenda ou mercadoria, como nos informa o narrador do romance, ou, de modo mais severo, reduzida apenas a uma vida biológica, um animal, “Bicho do mato”, “tapuru” é como a chama a senhora enchapelada..

Nesse sentido, é vislumbrando essa condição da menina que nos aproximamos do conceito de *homo sacer* e vida nua de Giorgio Agamben para figurar melhor essa infância que nos parece “insacrificável, mas matável”.

Agamben para situar melhor a questão retoma a teoria aristotélica sobre política para quem o homem, como qualquer outro ser vivente, é *zoé*, isto é, vida nua, mera existência biológica, mas que justamente se difere dos outros seres viventes em razão de ser um animal que possui um sistema linguístico, ou seja, possui linguagem , e por ser um animal que também tem uma existência política.

Em outras palavras, a linguagem torna possível ao homem passar de *zoé* a *politikòn zôon* (animal político). Interessante ressaltar que, Agamben já assinala que para Aristóteles a *zoé*, isto é, a vida nua não se confunde com a vida política, a *bios politica*, visto que essa é entendida sempre como uma vida qualificada, um modo particular de vida e não meramente uma existência biológica.

Cabe lembrar que o próprio filósofo italiano recorda que Michel Foucault partiu dessas concepções para falar de biopolítica, um processo que passa a incluir a

vida natural nos mecanismos de poder do Estado, especialmente a partir da Idade Moderna: “Por milênios, o homem permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivente e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal em cuja política está em questão a sua vida de ser vivente” (FOUCAULT, 2005. P.134). Nesse sentido, ao pensarmos o episódio da menina, perguntamo-nos: é ela uma vivente? Uma sobrevivente? Quem decide a vida que ela pode viver?

Refletindo sobre isso, pensamos que a mulher enchapelada pode ser entendida como uma figuração do poder soberano, aquele que, conforme Agamben pautado em Shimitt tem o poder de exclusão-inclusão. O soberano é aquele que tem o poder de excluir do direito a sua vigência: o direito é incluído, então pela sua exclusão. O sujeito introduz-se na vida política através de uma inclusão-exclusiva. Analogamente, é a senhora empoderada pela seu status social que permite a inserção da menina no ambiente citadino, mesmo que de forma excludente. Ela se torna pois uma cidadã no sentido lato, aquela que habita a cidade, muito embora não no seu sentido pleno pois está, excluída de seus direitos.

Nesse limiar entre direito e exclusão, entre a vida política, aquela qualificada, e a vida nua, aquela da mera existência biológica, temos a figura do *homo sacer*, termo utilizado por Agamben para se referir aos seres humanos despojados de seus direitos civis. Na realidade, *homo sacer* ou homem sagrado é uma figura do direito romano. É aquele que tendo cometido um crime hediondo, não pode ser sacrificado segundo os ritos de punição, assim, embora insuscetível, ele é matável, pois se alguém o encontrasse, poderia matá-lo, sem que ao seu algoz se imputasse a pena por homicídio. Desse modo, no caso do episódio em questão, a infância é, sim, sagrada, mas ainda assim é maltratada, vivendo em um constante estado de exceção.

O estado de exceção, conforme Agamben, não mais deve ser entendido como uma situação extraordinária evocada num momento de emergência, mas que, a cada vez mais é uma técnica de governo que, por ser aplicada normalmente à administração da vida, se eleva ao patamar de paradigma de governo nos atuais regimes democráticos. Neste caso, recordemos Walter Benjamin em sua conhecida afirmação de que o estado de coisas em que se vive deixara de ser a exceção para se tornar a regra geral.

Sob essa ótica, notamos que a infância desnuda que vemos no romance não é mais senão a exceção que virou regra, uma infância despida da sua humanidade, e que se desdobra em outras imagens que se repetem e se multiplicam no interior da narrativa. Daquela menina da "Deus te guarde" o leitor não terá mais notícia, mas reverbera em outra personagem a história daquela menina de cabeça rapada: é Libânia, sobre a qual lemos aquele segundo fragmento:

Libânia, pés de tijolos, a saia de estopa, apressada e ofegante, era uma serva de quinze anos, trazida muito menina ainda, do sítio, pelo pai, para as mãos das Alcântaras. Entrava da rua com os braços cruzados, carregando acha de lenhas e os embrulhos, sobre os rasgões da blusa velha (JURANDIR, 200. p.51-52)

Nessa imagem tecida pelo narrador, vemos a caracterização da personagem, cuja a condição subumana remonta a sua infância pobre, em que "os rasgões na blusa velha" são indicativos, não apenas da sua classe social, mas de um estado de desumanização que vai numa crescente gradação, a princípio marcada pelas vestimentas e, mais tarde, aos quinze anos assinalada no próprio corpo, quando os pés descalços não são mais percebidos como membros de um corpo humano, mas como de uma corporeidade inanimada, dura, grosseira e fixa, a dos tijolos.

Tal situação de desnudamento, isto é, da redução a uma vida desqualificada é reforçada pela ambientação do espaço o qual Libânia vem ocupar em uma das casas que reside junto com a Família Alcântara:

Quando veio a hora da distribuição dos quartos coube o terceiro à Libânia, como esperava. Logo ocupou-o. Nem cal havia passado nas paredes. Era só o soalho e telhinha de vidro lá no alto. E ali embolado os panos da "cama". Tinha um quarto, mas um bauzinho que fosse para a roupa, tinha? Roupa? Agora no quarto é que maginava; como nada possuía! Receou o soalho bichado, que cumpinzal não era ali debaixo? Passeou no quarto como uma dona, estirou os braços na parede que esfarelava. Olhou as escáfulas de rede bem gastas (JURANDIR:2004, p.315)

A descrição feita pelo narrador apresenta um local sem pintura, sem móveis, cuja cama, ironicamente, é um embolado de panos, assemelhando-se, literalmente, a uma cama de gato, em outras palavras, um lugar destinado ao animal

doméstico, expressão que bem poderia caracterizar a menina Libânia, visto que, como agregada, servia à casa com docilidade.

Aliás, que outras aproximações tornam mais explícitas essa redução a uma vida puramente biológica. O narrador informa que: “D. Inácia chamava-lhe: “cabocla emjambrada, braba de pele de couro, onde já se viu maior peste?” (JURANDIR, 2004.p.385), ou, dizia ainda, “Tu és feita de tijolo, pau e couro de paca” (JURANDIR, 2004.p.385). Além disso, a própria Libânia percebe a sua condição: “Não sou uma senhorita, aquele-menino. Sou menos que bicho de estimação” (JURANDIR, 2004.p.392)

Nesse caso, a percepção da personagem é ainda mais chocante, já que esta não se vê apenas como um animal, mas abaixo disso, subumana e sub-animalizada. De certo, que sua desumanização só não é completa visto a percepção que tem de si e de sua condição: “Tinha um quarto, mas um bauzinho que fosse para a roupa, tinha? Roupa? Agora no quarto é que imaginava; como nada possuía!” (JURANDIR, 2004.p.315)

Essa consciência de si e de sua situação encena um modo de resistir àquela redução a uma vida nua, ao meramente biológico, ao mesmo tempo em que marca o seu status de humano.

Outro aspecto que recupera, ainda que parcialmente sua humanidade, e que me parece um modo de resistência, é o que Spinoza (1979) chamou de essência do ser humano, isto é, o desejo, que no caso da personagem dalcidiana reside no fato de que, apesar das condições em que vive, Libânia ainda sonha e deseja ter uma rede:

Ah!Atravessaria o quarto, de meio a meio, com uma boa rede, Estava de costas muito maltratadas de chão; também de Deus era filha, tinha nascido de uma mãe, tinha ossos que doíam. Ah, ter, ter uma rede, e era o bastante.

Fazia de conta que se embalava na rede imaginária atravessada no quarto, se embalava. (JURANDIR, 2004.p.315)

Nesse caso, mesmo que o desejo seja limitado pela sua condição social, o seu faz-de-conta lhe retira, ainda que momentaneamente, da sua realidade miserável, fazendo sentir-se como dona de alguma coisa.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois fragmentos que inspiraram essas reflexões conformam o que chamei aqui de infância desnuda, aquela despida da sua puerilidade, em que vemos as personagens infantis perderem o direito de ser criança, entrando precocemente em um mundo adulto que está à margem de uma vida qualificada. Nesse quadro, vemos uma crescente desumanização, ou, nos termos de Agamben uma redução à *zoé*, a uma vivência puramente biológica.

Ao mesmo tempo, tais fragmentos demonstram uma trajetória de resistência dessa infância, seja pelo sonho de ter uma rede, seja pelo próprio silenciamento, afinal “Também o que é calado no curso da conversação banal, por medo, angústia ou pudor” (BOSI, 2002. p.134-135) é um modo de resistir e sobreviver diante das humilhações sofridas. Dessa maneira, a menina que, ironicamente, chega a cidade na Deus te guarde, sem nome e sem voz, é talvez a que mais resiste, pois ao ficar muda diante da senhora enchapelada, ela recusa obedecer as primeiras ordens, “Fala tapuru, bicho do mato.”, ao passo que, também é uma recusa da condição animalizada que lhe é imputada.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer Poder Soberano e Vida Nua**. Minas Gerais: Editora UFMG, 2010

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia de Letras, 2002

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, 16 ed., São Paulo: Graal, 2005

FURTADO, Marli Tereza. **Universo Derruído e Corrosão do Herói em Dalcídio Jurandir**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010

JURANDIR, Dalcídio. **Belém-do-Grão-Pará**. Belém: EDUFPA, 2004